



DJINOPI – Djintis Nô Pintcha

ONG(s): Rede Ajuda; Sinin Mira; Al-Ansar; René-Renté; Okanto; WFD e.V.

mgf.gb.djinopi@gmail.com

Telef. (00245) 544 07 76

Projecto – Djinopi (2010-2012)

Djintis Nô Pintcha



STOP mutilação genital feminina





1 – Introdução

Não existe uma estatística confiável sobre a mutilação genital feminina na Guiné-Bissau. A UNICEF estima actualmente uma prevalência de aproximadamente 45% de mulheres entre 7 e 12 anos (39% na capital, 48% no campo). Assim, estima-se hoje 300.000 mulheres afectadas, com outras cerca de 80.000 meninas, de praticamente todas as idades, em perigo de serem mutiladas. Variadas formas de amputação do clítoris são praticadas, principalmente em comunidades islâmicas, mas também por algumas pessoas dos grupos animistas. As comunidades com esta prática vivem sobretudo no Leste (regiões de Bafatá e Gabú), no Norte (Oio e Cacheu) e no Sul (Quínara, Tombali e Bolama-Bijagós). Entre os fulas ou fulanis, que representam cerca de 30% da população, a MGF é praticada no marco de uma cerimónia curta (*fanadozinho*), em geral em meninas entre 7 e 12 anos. Entre os Mandingas (outros 30% da população) e grupos da etnia Susu e Nalu são atingidas meninas da mesma faixa etária. Na etnia Beafada pratica-se a clitoridectomia (estirpação do clítoris) em crianças de 9 a 12 anos.



Todos os grupos, menos os fulas, realizam as operações em longas cerimónias com 1 até 6 semanas de duração, que incluem rituais com danças e cantos, além de instruções práticas e morais sobre o papel da mulher adulta nas respectivas sociedades (*fanado grande*). Neste contexto, não raro meninas recém entradas na puberdade já estão casadas. Entre a população urbana com educação formal a MGF tem tendência a ser menos praticada, mas de nenhum modo é incomum. Para pais e mães com uma postura crítica com relação ao tema é bastante difícil impor-se entre os partidários da prática no círculo familiar, sobretudo as avós. As etnias que não praticam nenhuma forma de MGF, são as etnias animistas, o que envolve o risco de interpretações étnicas de acções contra a MGF. Em 1995 o



parlamento recusou um projecto de lei contra a MGF. Tem ocorrido um intenso debate público em torno de uma possível lei contra a MGF, no qual o presidente da Comissão Nacional Islâmica pôs-se a favor da prática e o presidente da Liga Guineense dos Direitos Humanos, contra a prática, verificando-se assim um tema fracturante na sociedade guineense.

É complexo resumir em poucas palavras o significado cultural desta prática; as culturas em que ocorre são muito diversas. As razões e significados centram-se, essencialmente, em definições sociais de feminilidade e em posturas relativas à sexualidade das mulheres e ao casamento. Para uma mãe ou para uma avó, numa sociedade em que existe pouca

viabilidade económica assegurar que a sua filha se sujeite a mutilação genital, enquanto criança ou adolescente, é um acto de amor com vista a garantir-lhe o casamento. Devido à natureza muito



privada desta prática, a MGF é realizada e aprovada pela sociedade como parte da sua identidade cultural, sentido de lealdade para com a família e crença num sistema de valores.

2 – O Projecto Djinopi

a) O que é?

O Djinopi (Djintis nô pintcha – “Pessoal, vamos em frente”), é uma proposta de nova apresentação do projecto “Direitos da Mulher”, de 2001 a 2003 na Guiné-Bissau, trazendo uma abordagem centrada nas vontades e capacidades locais para a mudança de mentalidade comunitária visando também a reconversão das fanatecas (excisadoras) e no seu relacionamento com os direitos das crianças, envolvendo nesta temática a consciência de que a MGF é um problema de saúde pública e uma clara violação aos Direitos das Crianças e das Mulheres, impedindo-se assim o desenvolvimento global da sociedade.

b) Grupos Alvos do Djinopi:

O grupo de meninas - estimado em torno de **80.000** - que ainda não sofreu a MGF, mas devido ao seu meio cultural está directamente em risco. Dessas, cerca de 40.000 meninas vivem nas três regiões principais Gabú, Bafatá e Quínara. Os critérios de selecção destas zonas foram, por um lado, devido à dimensão do problema (em Gabú e Bafatá vive o maior grupo em risco), por outro lado a representatividade étnico-cultural dos grupos alvo.



Outros grupos alvos, com os quais o projecto irá trabalhar de forma diferente, são os pais e outros membros importantes da família, **excisadoras (fanatecas)**, autoridades religiosas, homens jovens em idade de casar, homens adultos e os mais velhos como formadores de opinião e autoridades tradicionais. Em cada um desses grupos encontram-se apoiantes, mas também cépticos e adversários da prática da MGF. Finalmente também serão envolvidos multiplicadores como **profissionais da saúde pública, professores** de escola primária, **políticos, funcionários de ministérios, ONGs, programas de desenvolvimento** bem como **jornalistas** de jornais, rádios e TVs.

3 – A luta contra a MGF em 2001 e 2003 na Guiné-Bissau:



A Organização guineense pelos direitos da mulher Sinin Mira Nassiquê e o Serviço de Paz Civil - ONG alemã (WFD, sigla em alemão) levaram a cabo entre 2001 e 2003 um projecto em defesa da integridade física de meninas, co-financiado também pelo Ministério da Cooperação Económica e Desenvolvimento (BMZ, sigla em alemão). Objectivo do projecto foi o de proteger um maior número possível de meninas e jovens mulheres da mutilação genital e das suas consequências.



Este projecto teve alguns apoios locais e estrangeiros: Fundação Calouste Gulbenkian, Cooperação Holandesa, Unicef, Comité Nacional contra as Práticas Nefastas e outros. O alcance das metas do projecto foi exposto e discutido mais detalhadamente no relatório final para o BMZ. Para os diversos objectivos secundários em resumo podem-se apontar os seguintes resultados:

- Cerca de 720 meninas e jovens mulheres tomaram parte num **ritual de iniciação alternativo** e assim manter a possibilidades de como adultas maduras serem acolhidas na sociedade, sem estarem sujeitas à mutilação genital. De facto houve no total 446 participantes. Uma pesquisa sócio-científica demonstrou que 64,4% das entrevistadas conheciam o ritual alternativo e o avaliaram como positivo.
- Uma sensibilização pública das comunidades rurais aconteceu em 60 aldeias ou bairros de pequenas cidades, especialmente através de animadoras voluntárias. Além de outros 25 de 45 bairros de Bissau, nos quais ocorreram eventos organizados pela ONG local. Conforme a pesquisa realizada, nas redondezas dos centros de referência 64,4% das pessoas entrevistadas são contra a mutilação genital feminina, 30,4% estão indecisas e 9,2% são ainda a favor.
- Para a sensibilização de unidades familiares, as animadoras tradicionais realizaram visitas a casas em 25 aldeias rurais e em 15 aldeias próximas das cidades. Em cerca de 20 aldeias, sobretudo na região norte, houve forte resistência de grupos ou de indivíduos durante os eventos e nas campanhas de sensibilização na comunidade. Noutras regiões cada animadora chegou por ano a 15 famílias que, diante delas, deram a entender que queriam reflectir sobre a decisão da mutilação genital das meninas.
- Reorientação das excisadoras (Fanatecas): Em 2002 e 2003, por ocasião de distintos eventos, um total de **81 excisadoras (fanatecas) entregaram as suas facas**. Estas mulheres não serão facilmente substituíveis para os partidários da MGF. Através de contactos na esfera de acção a coordenação do projecto soube que pelo menos cerca de 60 dessas mulheres abandonaram total ou parcialmente a prática e a formação de novas aprendizes.
- Com respeito à **sensibilização da opinião pública geral**, fontes independentes (pesquisa, Estado, outras ONGs, UNICEF) confirmaram que o projecto teve êxito em colocar **insistentemente** na ordem do dia um tema tabu mesmo em sociedades urbanas. Os programas de rádio alcançaram directamente durante toda a duração do projecto cerca de 50.000 ouvintes.





DJINOPI – Djintis Nô Pintcha

ONG(s): Rede Ajuda; Sinin Mira; Al-Ansar; René-Renté; Okanto; WFD e.V.

mgf.gb.djinopi@gmail.com

Telef. (00245) 544 07 76

4 – Organização do Djinopi:

No ano de 2010 o Projecto Djinopi inclui 5 ONGs locais, focalizadas em zonas diferenciadas:

Rede Ajuda – Região de Quínara

Al-Ansar – Região de Oio

René-Renté – Região de Bafatá

Okanto – Cidade de Bissau (Bairro Militar)

Sinin Mira – Cidade de Bissau (Bairro de Pilon)

O Djinopi tem nas regiões 5 coordenadores e cerca de 30 animadores e facilitadores.

5 – Campanha de Amig@s do Djinopi

Durante os meses de Maio, Junho e Julho começámos a nossa campanha de amigos na Guiné-Bissau. Já temos 41 Amig@s do Djinopi e queremos chegar muito longe...

Pessoas que já assinaram a nossa Campanha:

	Nome	Profissão/Cargo	País
1	Carlos Gomes Júnior	1º Ministro da Guiné-Bissau	Guiné-Bissau
2	Henrique Pereira Rosa	Ex-Presidente da Guiné-Bissau	Guiné-Bissau
3	Maria Rosa de Sousa Robalo Rosa	Ex-Primeira Dama da Guiné-Bissau	Guiné-Bissau
4	José Mário Vaz	Ministro das Finanças	Guiné-Bissau
5	Nhima Sissé	Deputada da Assembleia Nacional Popular	Guiné-Bissau
6	Hilia Garêz Gomes Lima Barber	Embaixadora da Guiné-Bissau	Guiné-Bissau
7	Fatumata Djau Baldé	Presidente do CNPN-Bissau – Comité Nacional contra as Práticas Nefastas	Guiné-Bissau
8	Alassane Diedhiou	Coordenador da ONG- TOSTAN	Senegal
9	Fernando N. Saldanha	Secretário de Estado da Juventude	Guiné-Bissau
10	Ingrid Kuhfeldt	Plan International-Country Director – Guiné-Bissau	Alemanha
11	Malam Djassi	Conselheiro religioso CNPN-Bissau - Comité Nacional contra as Práticas Nefastas	Guiné-Bissau



DJINOPI – Djintis Nô Pintcha

ONG(s): Rede Ajuda; Sinin Mira; Al-Ansar; René-Renté; Okanto; WFD e.V.

mgf.gb.djinopi@gmail.com

Telef. (00245) 544 07 76

12	Idelfrides Fernandes	Presidente da Rede População e Desenvolvimento	Guiné-Bissau
13	Carlos Lineu Ribeiro Tolentino	Chefe de Gabinete do 1º Ministro	Guiné-Bissau
14	Pedro Embaló	Governador de Gabú	Guiné-Bissau
15	Carlos Adulai Jaló	Governador de Bafatá	Guiné-Bissau
16	Aladje Tchernô Culabio Bah	Imame Central da Mesquita de Bafatá	Guiné-Bissau
17	Mamadú Sidibé	Representante dos régulos de Bafatá	Guiné-Bissau
18	Fato Sinho Baldé	Esposa de Mamadú Sidibé	Guiné-Bissau
19	Malam Baio “Ciró”	Secretário Executivo de SOS Crianças-Talibés – Bafatá	Guiné-Bissau
20	Serifo Embaló	Cáritas – Bafatá	Guiné-Bissau
21	Lassana Issuf Corobô	Presidente da Associação Juvenil Regional Bafatá	Guiné-Bissau
22	Malam Sambú	Enfermeiro – Gabú	Guiné-Bissau
23	Lassana Djaló	Administrador de Bafatá	Guiné-Bissau
24	Mamadú Saliu Baldé	Religioso muçulmano – Bafatá	Guiné-Bissau
25	Emmanuel Artur Eid Morais dos Santos	Presidente do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) Vice Presidente do Fórum da Juventude da CPLP	Guiné-Bissau
26	Sheik David Munir	Mesquita de Lisboa	Moçambique
27	Mantorras	Jogador de futebol	Angola
28	Aruna Mané	Plan International-Director de Programas	Guiné-Bissau
29	Pinto António Felix	TOSTAN	
30	Adulai Djau	TOSTAN	Senegal
31	Combon Coly	TOSTAN	Senegal
32	Maria Augusta Biai	Funcionária da OMS	Guiné-Bissau



DJINOPI – Djintis Nô Pintcha

ONG(s): Rede Ajuda; Sinin Mira; Al-Ansar; René-Renté; Okanto; WFD e.V.

mgf.gb.djinopi@gmail.com

Telef. (00245) 544 07 76

33	Francisco António Moreira	ONG – Muskafó	Guiné-Bissau
34	Maimuna Seidi	ONG – Muskafó	Guiné-Bissau
35	Binto Tcham	Fanateca-ONG – Muskafó	Guiné-Bissau
36	Irmã Maria Raudino	Missionária na GB	Itália
37	Jasmina Barckhausen	Antropóloga, Pedagoga	Alemanha
38	José Luis Aguillar	Documentalista	Honduras
39	Sonja Prexler-Schwab	Médica	Alemanha
40	Sylvia Poehlmann		Alemanha
41	Vladimir Nobre Monteiro	Jornalista	Cabo Verde

Esta campanha tem como objectivos o conhecimento do nosso projecto e a solidariedade de todas as pessoas para com este corajoso trabalho na Guiné-Bissau.

Convidamos as pessoas a tornarem-se Amig@s do Djinopi – fazendo-o através do nosso email. Assim farão parte da longa lista e mais tarde ficarão também no nosso site (em construção).

Contactos:

mgf.gb.djinopi@gmail.com

Telef. (+245) 544 07 76

Telef. Lisboa – (+351) 91 924 40 28 (Paula da Costa – Consultora do Djinopi)

Paula da Costa